
Projeções e profecias — IBGE e escatologia adventista

RODRIGO GALIZA¹

O Censo do IBGE de 2010 (publicado em 2012) apontou que o Catolicismo está em decadência no Brasil. Enquanto isso, protestantes e sem religião crescem. Como parte desse conglomerado não Católico está a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com uma visão bem peculiar sobre profecias bíblicas, o Adventismo do Sétimo Dia ensina que a Igreja Católica Apostólica Romana irá crescer em influência até o ponto de dominar o Cristianismo e impor sua forma de culto (WHITE, 1950). Estará equivocada a projeção futurística Adventista?

Palavras-chave: Censo; IBGE; Igreja Católica; Crescimento.

The 2010 IBGE Census (published in 2012) pointed out that Catholicism is in decline in Brazil. Meanwhile, Protestants and No Religion grow. As part of this non-Catholic conglomerate is the Seventh-day Adventist Church. With a rather peculiar view on biblical prophecies, Seventh-day Adventism teaches that the Roman Catholic Church will grow in influence to the point of dominating Christianity and imposing its form of worship (WHITE, 1950). Will Adventist futuristic projection be misleading?

Keywords: Census; IBGE; Catholic Church; Growing.

De acordo com os dados do IBGE, desde o primeiro Censo realizado em 1872, o Catolicismo que configurava 99,7% da população brasileira agora perfazem apenas

.....

¹ Doutorando em Teologia pela Andrews University. Mestre em Divindade pela Andrews University. Graduação em Comunicação Social e Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: rodrigo.galiza@gmail.com.

64,6%.² Considerando esses números não é difícil arrazoar que a interpretação profética Adventista sobre a influência ou domínio religioso Católico pode estar equivocada pelo menos no Brasil, um dos maiores países Católicos do planeta. O objetivo desse trabalho é investigar as raízes e detalhes de tal interpretação sobre o futuro e a partir dela refletir se de fato a projeção apocalíptica Adventista é possível ou não à luz do recente Censo.

Profecia³

A curiosidade sobre o futuro é uma fascinação humana antiga que perdura ainda hoje. Esse interesse tem motivos bem práticos. Pesquisas como o censo do IBGE servem para apontar tendências da sociedade brasileira. De acordo com o último censo, o futuro do catolicismo parece desanimador e dos protestantes promissor. Tendências atuais, no entanto, podem não se concretizar no futuro pois fatores de influência social podem mudar. No entanto, prever de alguma forma o futuro garante segurança e prosperidade aos que antevêm os acontecimentos, pois, ao vislumbrar o que ainda não ocorreu, o ser humano pode preparar-se para evitar infortúnios.

136

Considere a previsão do tempo no jornal televisivo diário. Ela também funciona como uma forma de oráculo do futuro. Informado sobre a forte chuva e possível inundações no final da tarde o morador de São Paulo considera a rota para o trabalho e se vale a pena sair mais cedo ou não de volta para casa. Bolsa de valores dependem de especulações de mercado futuro e agricultores contam com previsões de chuva para o plantio e colheita. E assim o nosso dia a dia é atrelado com a perspectiva do futuro.

Isso não é de hoje. Desde os antigos babilônicos até os meteorologistas e Ibopes modernos, o conhecimento sobre o que ainda não aconteceu permeia as atividades cotidianas sociais. Os babilônicos da época do profeta Daniel por exemplo, antes de saírem para guerra olhavam órgãos internos de animais sacrificados (hepatoscopia ou extispício), ou o caminho do óleo derramado numa bacia de água (oleomancia) para prever quem ganharia uma guerra antes dela ocorrer (GANE, 2009, p. 314). Dependendo da interpretação dos sacerdotes os reis saíam para batalha ou não. Tal especulação, tida como verdadeira, era considerada potencialmente salvadora de vidas.

A Bíblia também descreve o impacto social de profecias. Alguns líderes de Israel não saíam para a guerra sem antes consultar os oráculos divinos através

.....

² Disponível em: <<http://bit.ly/1NghXTr>>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

³ Nesse artigo uso o termo profecia para descrever previsões sobre o futuro.



do profeta ou sacerdote. (ver I Sm 13, II Cr 18). Em comum às ações dos reis do passado e dos investidores financeiros de hoje está a crença que os mecanismos de prognosticação são válidos e confiáveis. Isso quer dizer que tempo e ação devem ser relacionado no futuro. A verdadeira predição indica uma específica atividade a ocorrer num específico tempo ainda a acontecer. Tempo e ação são elementos chaves na profecia. No caso de profecias religiosas esses dois elementos são relacionados a Deus: 1) Deus age no tempo e prediz quando, 2) Deus age na história e informa o que Ele fará.

A Bíblia é cheia de profecias, ou predicções sobre o futuro. Nela se destacam os livros de Daniel e Apocalipse. Tanto os seus escritores quanto os leitores que acreditam em suas predições aceitam que Deus sabe o futuro e o comunica aos seres humanos⁴ (ver PAULIEN, 2004, p. 30-34). Esses dois livros bíblicos têm influenciado o Cristianismo e a sociedade em contato com a religião bíblica. Pois se a Bíblia fala a verdade sobre o futuro⁵ (ver KITTEL, 1964) o que ela diz sobre o presente deve ser considerado com respeito.

História do Anticristo: raízes proféticas Adventistas

137

Cristo e o Anticristo na Bíblia

.....

⁴ Nem todos os Cristãos interpretam as profecias escatológicas de Daniel e Apocalipse da mesma forma. Há pelo menos quatro métodos de interpretação: preterismo, futurismo, idealismo e historicismo. O preterismo lê esses livros descrevendo eventos na época do autor das “profecias” nos séculos próximos a Jesus Cristo, ou seja, não há nada de profético neles, mas apenas aparência. O Anticristo nessa interpretação é Antíoco (em Dn) e um Imperador Romano (Ap). No futurismo as profecias sobre o Anticristo são interpretadas se cumprindo num futuro ainda incerto. Na maioria dos casos a metade da última semana das 70 semanas de Dan 9 é colocada para o futuro e igualada com o período do Anticristo de 1260 dias (42 meses ou 3 tempos e meio) literais a ocorrer no futuro. O Anticristo é relacionado a Israel. No Idealismo as mensagens possuem apenas valor moral e não histórico, o que interessa não são eventos, mas o que eles significam para o leitor. Assim o Anticristo é qualquer coisa que interrompe o relacionamento com Jesus. Na interpretação historicista os eventos e datas preditas pela profecia são levadas a sério e comparadas com eventos desde da época do profeta até o juízo final no tempo do fim. O Anticristo nesse esquema é identificado com personagens e/ou instituições reais e específicas na história.

⁵ A predição bíblica sobre o fim é conhecida como escatologia, vinda do grego *eschatos* (*eschatos*) que significa último.

Das profecias escatológicas bíblicas mais significativas destaca-se a vinda de Cristo⁶ (ver GRUNDMANN et al., 1974) e em contrapartida a vinda do Anticristo. No livro de Daniel capítulos 7 — 9 estão as predições mais diretas e detalhadas sobre a entrada na história desses dois poderes. Um vêm em resposta ao outro. Em Daniel o inimigo de Cristo aparece primeiro nas visões dos capítulos 7 e 8. Mas é o salvador do capítulo 9 que surge primeiro na história.

Note que o nome Cristianismo vêm do título dado a Jesus em Daniel 9. Os seguidores de Jesus de Nazaré aplicaram o título profético de Daniel 9, Cristo, ao seu mestre pois eles acreditaram que Ele cumprira as profecias Messiânicas. De acordo com as predições na época do profeta Daniel, após 483 anos do decreto da restauração e reconstrução de Jerusalém, Deus enviaria seu ungido para libertar Israel e o mundo do pecado e da destruição feita pelo inimigo de Deus.

No ano marcado, 27 AD, Jesus de Nazaré foi ungido ou batizado e conforme a profecia 3 anos e meio depois foi morto, no ano 31 AD (ver OLIVEIRA, 2004; HORN; WOOD, 2006). Mas a profecia não acaba com a vinda do libertador. Ela descreve a vinda de um Anticristo⁷(ver I Jo 2:18, 22; 4:13; II Jo 1:7), um poder contrário ao enviado por Deus (o Messias, o Ungido, o Cristo). As passagens mais significativas interpretadas pelos Cristãos sobre tal poder são Daniel 7-8, II Tessalonicenses 2 e Apocalipse 12, 13 e 17.

Em Daniel, esse poder é descrito como um chifre que começa pequeno e depois cresce a tal ponto de atacar e perseguir os poderes dos céus, ou seja, Deus, Seu santuário e Seus seguidores/adoradores por um período de 3 tempos e meio (Dn 7:25; 12:11) assim como 1290 dias (ver Dn 12:12). Esse poder mudaria os tempos e as leis divinas e jogaria a verdade por terra (ver Dn 7:8, 20-25; 8:9-12, 24-25). Por Paulo o Anticristo é descrito como um homem de pecado que se exaltaria contra Deus ao assentar-se no lugar de Deus em Seu santuário, ou seja, usurparia o lugar de culto divino como predito por Daniel (II Ts 2:3,4) (ver BRUCE, 1982, p. 179-180; HOLLAND, 1988, p. 107; JENKS, 1991; FROOM, 1982, v. 4).

No Apocalipse de João o Anticristo ganha contornos mais específicos. À luz de Daniel 7 e 8 João descreve esse poder satânico como um animal terrível, um dragão, que possui o mesmo número de chifres (10) e cabeças (7) (Ap 12:3,9, 13-17; 13:1-7; 17:3). Esse poder perseguiria também os santos, agora representando por uma mulher/igreja

.....

⁶ A palavra Cristo tem origem grega e significa ungido. Ela traduz o hebraico Messias, encontrado em Daniel 9, que possui o mesmo significado. Esse termo tem uma conotação bem profética na Bíblia.

⁷ É importante esclarecer que essa palavra anticristo (do Grego anticristos) na Bíblia é apenas usada por João. Mas ela ganhou uma conotação especificamente profética visto que os Cristãos têm usado o termo para descrever o poder antagonico a Cristo descrito nas profecias bíblicas.



(12:1-2, 14; 13:7) pelo mesmo período de tempo profetizado por Daniel (3 tempos e meio) agora interpretado como 42 meses ou 1260 dias (Dn 11:3; 12:14; 13:5). Esses santos são os que seguem o Cordeiro (o Cristo/Messias prometido; ver Dn 9) guardando os seus mandamentos e se opondo aos requerimentos do dragão (Ap 12:17, 14:1-4, 15:1-4).

Todas essas profecias apocalípticas descrevem uma grande batalha entre Deus e Satanás, entre Cristo e o Anticristo. Esse conflito ocorre na história desde a época do profeta e se intensifica no tempo do fim através de poderes políticos e religiosos usados tanto por Deus como Satanás. De acordo com tais profecias na perspectiva da divindade que deu essas visões do futuro só há dois grupos, os que obedecem a Deus ou não.

A surpresa é que tais profecias predizem que antes do juízo final, os fiéis ao Messias serão brutalmente perseguidos até o tempo do fim quando eles serão finalmente libertos do Anticristo opressor. O fim será quando o Messias aparecer,⁸ agora pela segunda vez, para julgar todos os seres humanos (Dn 7:9-14, 26, II Ts 2:11,12, Ap 19-20). Essa será a virada de mesa, pois a profecia anuncia que nesse grande dia os que outrora foram perseguidos por Satanás serão libertos do poder opressor. Esses viverão eternamente com Jesus (Dn 7:27, I Ts 4:16,17, II Ts 2:1,14, Ap 21-22). Os que ignoraram os mandamentos do Messias/Cordeiro e oprimiram os santos serão destruídos definitivamente (Dn 7:27, II Ts 2:8-12, Ap 14:8-11; 19:19-21, 20:7-15).

A relevância social de tais profecias é evidente sendo ela verdadeira. Associar-se com o Messias poderá acarretar em possíveis perseguições atuais, mas a longo prazo a recompensa será a vida eterna. Consequentemente alinhar-se com os poderes representados pelo chifre ou bestas selvagens usadas por Satanás nos últimos dias resultará em morte eterna. É por isso que para os que creem que a Bíblia é a palavra de Deus a identificação do Anticristo se torna bem relevante e prática. Essa preocupação é nítida na história do Cristianismo que veremos a seguir.

Identificando o Anticristo na história

Pré-Reforma

A dicotomia entre Cristo e Anticristo era bem clara para os Cristãos dos primeiros séculos. Identificar o Messias de Daniel 9 não era trabalho, visto que o Novo Testamento e o próprio Jesus já deixara claro ser Ele o prometido na profecia (ver Mt 1:22,23, 27:46, Lc 4:18-19; 24:27, At 8:32-35, Rm 1:1-4). Reconhecer qual poder

.....

⁸ Por isso que as profecias escatológicas são também conhecidas como apocalípticas, do grego *apocalypsis* — Revelação, visto que o foco dela é a revelação/vinda/aparecimento final do Messias/Cristo Jesus.

poderia ser o Anticristo da profecia é que era mais trabalhoso. Dois elementos que são ressaltados em todos esses textos sobre o Anticristo (Dn 7-9, II Ts 2, Ap 12, 13 e 17) é que tal poder seria um poder perseguidor dos fiéis a Cristo (1 - ação) e que surgiria após a primeira vinda de Jesus (2 - tempo).

Ao analisar as interpretações na história de tais profecias apocalípticas, o historiador LeRoy Edwin Froom (1982, v. 1) conclui que a maioria dos Cristãos nos primeiros quatro séculos entenderam tais profecias historicamente desde o tempo do profeta até o tempo do fim. Sobre o tempo eles acreditavam (1) na sequência de impérios baseado em Daniel 2: Babilônia, Medo-Persia, Grécia e Roma (Cristo), Anticristo e fim; (2) que o Anticristo surgiria após o império Romano, (3) que as 70 semanas de Daniel 9 eram 490 anos até o Messias/Cristo. Ou seja, que o Anticristo ainda viria no futuro próximo após a primeira vinda do Messias e antecederia por pouco tempo a segunda vinda de Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus (FROOM, 1982, v. 1, p. 456-457).

No quinto século, após a institucionalização do Cristianismo no império Romano e o aparente fim da perseguição à igreja, a interpretação cristã do Anticristo foi modificada. Com a religião de Jesus dominando o império a perspectiva de ser perseguido por um poder político-religioso usado por Satanás não era tão considerada pelos cristãos. Agostinho de Hipona em sua espiritualização do Reino de Deus e do anticristo dá uma guinada interpretativa e alegoriza o domínio profético de Cristo e do anticristo (FROOM, 1982, v. 1, p. 473-491).

No tempo de santo Agostinho era a igreja cristã⁹ que crescia e não o império Romano. Isso indicava para ele que o período de perseguição profetizado terminara e que Cristo já vencera triunfante contra o mal. A consequência disso é que a Igreja institucional se torna o Reino físico de Deus no presente. Isso fez com que a identificação do Anticristo tornasse complexa visto que as profecias apocalípticas anunciam a vinda do anticristo antes do estabelecimento do Reino de Deus. Ao não dá muito crédito ao elemento temporal das profecias apocalípticas, Agostinho apontou na história para instituições que não faziam parte do plano profético.

Para o santo de Hipona o anticristo viria ainda no futuro antes da segunda vinda de Cristo, mas ele não sabia se tal poder apareceria dentro do Cristianismo como indicava II Tessalonicenses 2. O importante para ele é que Cristo vem (já veio a segunda vez) para o crente nos ritos da Igreja para salvá-lo enquanto Satanás por meio dos pagãos vem para tentá-lo a pecar e se possível o remover da igreja (o Reino de Deus). Nos estudos proféticos de Agostinho o foco é o presente e não o futuro. Assim ele tira

.....

⁹ Note que até a Reforma Protestante só existia uma igreja cristã, a Católica Apostólica Romana. Assim, Cristianismo era a Igreja.



o foco da profecia apocalíptica da segunda vinda de Cristo e enfatiza a primeira. Essa desescatologização (ver OLIVEIRA; PIRES, 2005), ou a mudança da vinda de Cristo no final da história para o presente (V século), dificulta a identificação do Anticristo e se torna a norma em estudos proféticos por quase mil anos no Cristianismo.

Por volta da virada do milênio a preocupação com o Anticristo retorna entre os estudantes das profecias junto com o interesse pela segunda vinda de Cristo. Inspirado pelo elemento do tempo nas profecias apocalípticas, principalmente por Apocalipse 20, que profetiza um período de mil anos antes do juízo final, Cristãos como Joaquim de Fiore e Eberhard II de Salzburgo olham mais atentamente para as profecias apocalípticas e identificam o anticristo não no futuro, mas no passado e presente (ver FROOM, 1982, v. 1, p. 706-709; 796-798; BOWEN, 1896, p. 305).

Ao olharem para a interpretação majoritária Cristã antes de Agostinho, eles reconhecem a sequência histórica dos poderes em Daniel como Babilônia, Medo-Persia, Grécia, Roma, Anticristo e o fim. Com essa perspectiva em mente eles observam que o poder que saíra do império Romano fora o papado histórico que como sistema sucedeu Roma imperial num formato agora Cristão mas perseguindo Cristãos que não se conformavam com seu sistema (FROOM, 1982, v. 1, p. 796-804) Essa era a interpretação dos dois pilares de identificação do Anticristo descritos acima como tempo e ação/natureza desse poder satânico. Esses dois pontos são novamente levantados na Contra-Reforma.

É importante notar que nessa época o papado estava sendo fortemente criticado por bispos e imperadores por causa de sua corrupção (HUGHES, 1960, p. 185-189). A sociedade, oprimida pelo sistema feudal na política e na igreja, onde o dinheiro comprava não apenas um lugar na terra como no céu, também esperava por algo melhor (HUGHES, 1960, p. 161, 189, 227). Nesse contexto a Igreja não era mais vista como o Reino de Deus mas tal Reino divino era esperado num futuro breve onde Deus libertaria o mundo de tal opressão. Esse sentimento influencia João Wyclif, João Huss e os Reformadores.

Reforma

A influência dos estudos proféticos sobre o Anticristo transformou a Europa. Identificar a Igreja como o Anticristo desafiara todo o sistema de vida estabelecido por séculos no continente Católico. Como consequência dos estudos proféticos os Reformadores redescobrem a salvação pela graça somente pela fé em Cristo, sem intermediários humanos, e por consequente, que a Igreja Católica não era o Reino de Deus e sim o meio de engano do Anticristo (HILLERBRAND, 1996; HUSS; SPINKA, 1972; LUTHER, 1960). Isso significava que a Igreja de Deus era não mais associada com a instituição papal, como na visão de Agostinho, mas com aqueles que eram fiéis aos princípios Bíblicos.

O estudo da Bíblia e a interpretação individual das profecias substituem a visão corporativa do Reino de Deus estabelecida pela Igreja Católica. Isso porque, nas palavras de Huss e Spinka (1972), a profecia de Paulo em II Tessalonicenses 2 já predizia que o homem da iniquidade ou filho da perdição (v.3) não viria sem alguma forma de cisma dentro do Cristianismo (HUSS; SPINKA, 1972, p. 94) E se a Igreja Católica era o reino do Anticristo ao invés do Reino de Cristo então a salvação não poderia ser encontrada nem confinada aos ritos e ensinamentos da instituição (EVANS, 2002, p. 62) mas em Jesus pela fé.

Ao identificar o Anticristo no presente estudo das profecias apocalípticas fizeram com que os Reformadores buscassem a segunda vinda de Cristo como o Reino prometido no futuro e não no presente corrompido da Igreja. Para os Taboritas por exemplo, seguidores de João Huss em Praga, somente a volta de Jesus traria o Reino de paz em resistência ao poder perseguidor do Anticristo (EVANS, 2002, p. 118). Tais acusações advindas da interpretação profética não passaram despercebidas pela liderança da Igreja.

Primeiramente a resposta da Igreja foi física. Seguindo seu costume e sendo coerente com seus ensinamentos, aqueles que se rebelassem contra a Igreja Católica estavam se rebelando contra Deus, visto ser ela o Reino divino. Assim, remover os rebeldes era visto como implementar a justiça divina e purificar o Reino de Deus. Mas isso não se limitava apenas ao clero Católico, a intolerância era encontrada também entre os Reformadores visto que a identificação dos dissidentes era conectada pela profecia com o próprio Satanás. “Tem sido fácil ver heresia e cisma tendo significados cósmicos, como parte de uma conspiração Satânica contra Deus” (EVANS, 2002, p. 4).

Mas o que mais nos interessa nesse estudo é a segunda resposta da Igreja, a reinterpretação das profecias apocalípticas. No concílio de Trento (1545-63) a Igreja condena a Reforma como heresia e desenvolve uma interpretação profética oposta à dos Reformadores. Enquanto para os Reformadores a profecia de Apocalipse 17 era clara ao identificar a mulher apóstata estabelecida na cidade das sete-colinhas como representando Roma Papal vinda do Império Romano, para os contra-Reformadores a serviço da Igreja havia outras alternativas de interpretar tais textos, o preterismo e o futurismo.

O futurismo, que identifica o Anticristo num longínquo futuro, foi estabelecido pelos jesuítas Francisco Ribera de Salamanca e Roberto Bellarmino de Roma. Para eles a Igreja continuará sendo o Reino de Deus e por isso não poderia ser o lugar do Anticristo. Ribera ensinou que o Anticristo era um indivíduo e não um sistema. Esse indivíduo negaria a Cristo e reconstruiria o templo em Jerusalém no futuro com o apoio dos Judeus por um período de mais ou menos 3 anos e meios literais (FROOM, 1982, v. 2, p. 489-493).

Seguindo o mesmo fundamento de Ribera, Bellarmino ataca a natureza (1 - ação) e duração (2 - tempo) do Anticristo na interpretação Protestante visto que esses dois elementos são chaves nas profecias do Anticristo, como detalhado acima. Para Bellarmino visto que o Anticristo é um (1a) indivíduo (1b) fora da Igreja



Cristã, a duração(2) de seu reinado não pode ser de 1260 anos¹⁰ (ver SHEA, 1992) como interpretado pelos Reformadores (FROOM, 1982, v. 2, p. 498). O argumento principal deles é identificar o papado como um poder Cristão e de longa duração não podendo ser o anticristo profetizado no Apocalipse de acordo com seus parâmetros de interpretação do tempo nas profecias.

Nesse mesmo parâmetro Agostiniano, Luis de Alcazar, outro jesuíta, interpreta as profecias do Anticristo se cumprindo no passado. “Aplicando a Nova Jerusalém a Igreja Católica, Alcazar contendeu que o Apocalipse descreve uma guerra dupla da igreja nos primeiros séculos — uma com a sinagoga Judaica, e a outra com o paganismo — resultando na vitória sobre ambos adversários” (FROOM, 1982, v. 2, p. 507). Assim, a Igreja Católica em seu ataque ideológico aponta para ambos os longínquos lados da história, no passado e no futuro, e associa o Anticristo com os Judeus *fora* ao invés do Cristianismo *dentro* como predito por II Tessalonicenses 2. Ao reinterpretarem os tempos (quando) preditos nas profecias do Anticristo a Contra-Reforma se perde na identificação do Anticristo (quem) e suas atividades (o que).

Adventismo

A Contra-Reforma desvia o foco não apenas do Anticristo profético, mas das vindas de Jesus. As profecias apocalípticas revelam não somente o inimigo da humanidade, mas o Salvador dela. Em Daniel 9 Deus indica precisamente o ano da vinda do Messias com o período das 70 semanas. O elemento do tempo fora importantíssimo na interpretação profética cristã que identificara Jesus de Nazaré como o Messias predito. Assim também seria com a identificação do Anticristo.

Assim como o Messias age por 3 anos e meio (ou metade de uma semana — ver Dn 9:27) morre e depois ressuscita, o mesmo ocorre com o Anticristo sendo que em escala maior. De acordo com a escatologia bíblica o anticristo agiria por 3 anos e meio ou 42 meses ou 1260 dias proféticos, isso quer dizer 1260 anos. Logo após ele receberia uma ferida de morte, mas voltaria a perseguir antes da volta de Jesus (ver Ap 13:3, 11-16; 17:8). Identificar esse primeiro período (quando) se torna chave na identificação de quem é o Anticristo e seus ensinamentos contra Cristo antes que ele surja novamente em perseguição no futuro.

Vários intérpretes deram sua tentativa interpretação indicando o começo e o fim. Wyclif afirmou que os 1260 anos começara com Constantino até c.1600 (FROOM, 1982, v. 2, p. 57). Lutero mais tarde puxa o tempo mais para frente de 602/610 (reinado de

.....

¹⁰ Os Reformadores tomaram o tempo descrito nas profecias como sendo símbolos, ou seja, dia proféticos representando ano literais. Para mais detalhes sobre o princípio dia-ano como meio de interpretação profética e como se aplica as profecias do Anticristo.

Focas — Imperador Romano) ao século XIX (FROOM, 1982, v. 2, p. 277). Mas quando nada significativo ocorreu no final dessas datas, outros intérpretes questionaram tais interpretações de tempo e consequentemente quem era o anticristo.

Foi a partir da metade do século 18 que eventos significativos chamaram a atenção dos intérpretes. O primeiro deles foi o terremoto de Lisboa em 1755. Logo depois um grande período de escuridão em 1780, a revolução Francesa (1789 — 99) com a captura do papado e em seguida a “queda das estrelas” em 1833. Relacionando os tempos proféticos que marcam o poder do Anticristo com os sinais cósmicos antes da volta de Jesus nos Evangelhos (Mt 24, Mc 13 e Lc 21) vários cristãos na Europa e principalmente na Protestante América¹¹(ver NOLL, 1992, p. 208-210; BREKUS, 2012) voltam a relacionar o Anticristo com o papado¹²(ver FROOM, 1982, v. 3; (COLLETTE, 1864; CURTIS, 1866; DOWLING, 1853; HISLOP, 1903; JONES, 1891; LEWIS, 1892; WYLIE, 1899; HUNT, 1994).

Dos eventos acima destaca-se o aprisionamento do papa pelo general Berthier em 1798 como cumprimento dos 1260 dias/anos da profecia (MAXWELL, 1951, p. 65 — 69; TIMM, 2007, p. 219 — 231). Isso porque ao relacionarem precisamente o tempo da profecia com o evento a identificação do Anticristo como o sistema religioso papal foi solidificado no adventismo protestante. Visto que o término dos 1260 anos de perseguição do anticristo é seguida do juízo final ou volta de Jesus essa confirmação reavivou a crença na breve vinda de Cristo com a pregação de William Miller que deu origem a um grande reavivamento profético protestante na América do Norte (FROOM, 1982, v. 4, p. 15 — 108, 429 — 454; KNIGHT, 1993) e fora o precursor da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

144

.....
¹¹ É importante notar que a identificação do catolicismo como inimigo dos Cristãos (o anticristo) faz parte da identidade Protestante Norte Americano que deram origem aos Estados Unidos da América. Os colonizadores que vieram da Europa foram na maioria Protestantes que fugiam da perseguição religiosa Católica no velho continente. Isso criou uma inimizade histórica nos Estados Unidos entre Protestantes e Católicos. Para muitos Cristãos Norte-Americanos ser anticatólico é parte do que é ser Americano.

¹² Tal interpretação não é apenas adventista, mas como já explicada ela possui origens Protestantes. Essa inimizade Protestante contra Católicos nesse período é notável na literatura. Tais autores interpretam as profecias do Anticristo e explicam como o mistério da iniquidade operou (a) através do Catolicismo Apostólico Romano. Das atividades e ensinamentos destacados por todos estão o batismo infantil, a adoração a santos, a infalibilidade papal, a confissão auricular e eucaristia como método de salvação e a relação igreja-estado perseguindo minorias religiosas. Apesar de tal interpretação está em baixa nos Estados Unidos há ainda protestantes não-Adventistas que mantêm tais ensinamentos.



O ponto de propulsão do Millerismo foi a marcação de datas ou a identificação histórica precisa para os tempos proféticos (ARASOLA, 1990; ver WHITE, 1950, p. 334)¹³. Além dos 1260 dias/anos identificando o término do domínio do Anticristo, o Millerismo enfatizou os períodos que marcavam o domínio de Cristo. As 70 semanas de anos de Dan 9 foram alinhadas com as 2300 tardes-manhãs de Dan 8:14 para formarem um esquema de tempo profético que predizia a volta de Jesus aproximadamente entres os anos de 1843 — 1844 (KNIGHT, 1993, p. 125 — 130).

O argumento de Miller era que de acordo com Daniel 8:14 o santuário seria purifica após 2300 anos. Conectado com as 70 semanas de Daniel 9 esse período começa em 457 a.C. e terminaria c.1843-1844 d.C. Nesse tempo a terra (santuário) seria purificada do pecado a destruição do Anticristo e o estabelecimento do Reino de Deus com a segunda vinda de Jesus. O conceito de purificação do santuário veio do sistema levítico onde uma vez por ano no dia da expiação ou dia do juízo o sumo-sacerdote purificava o arraial de Israel de todos os pecados (ver TIMM, 1999, p. 72-81, 165-167).

Como parte dessa catarsis espiritual a mensagem de Apocalipse 14:6-12 anunciava uma saída de Babilonia, o que as raízes Protestantes do movimento identificava-a com os enganos do sistema Católico, o Anticristo (BRUINSMA, 1994, p. 1 — 19). Mas é importante notar que a medida que muitas igrejas protestantes não aceitavam a pregação da breve volta de Jesus em 1843 — 44 e até perseguiam os mileritas pelo que era considerado fanatismo religioso, o movimento inclui tais igrejas como parte do sistema do Anticristo. A base bíblica para tal interpretação era Apocalipse 17:5 onde a profecia indica que a prostituta Babilonia (identificada como o catolicismo apostólico romano) teria muitas filhas de prostituição (identificada como o protestantismo apóstata) (KNIGHT, 1993, p. 141 — 158; LARONDELLE, 2000, p. 885).

Assim, o millerismo criou um esquema profético onde o aparecimento de Cristo e do anticristo no final dos tempos estão inter-relacionados. Associar-se a um significa rejeitar o outro. O sistema de ensino católico apostólico romano aceito por algumas igrejas protestantes é novamente visto como antagonico ao processo de preparação para a volta de Jesus e o estabelecimento do Reino de Deus. Apesar do movimento Millerismo terminar logo depois do desapontamento de 1844 quando Jesus não voltou conforme eles haviam predito, as sementes interpretativas proféticas continuaram no adventismo do sétimo dia.

.....

¹³ Destaco aqui a interpretação de Josiah Litch sobre Apocalipse 9 em 1838 quando ele prediz a queda do império Otomano, o que ocorre exatamente em 1840 como ele havia dito conforme a profecia. Isso gerou grande confiança nos Adventistas no método de interpretação profética de Miller e seus seguidores.

O Adventismo e o Anticristo

O que (quem) é o Anticristo

As profecias do Anticristo são centrais na formação da identidade do Adventismo do Sétimo Dia. (LARONDELLE, 2000, p. 883 — 889) Isso porque os Adventistas se identificam como o remanescente da profecia bíblica, ou seja, o último grupo religioso organizado que tem o objetivo de proclamar as últimas mensagens divinas ao mundo antes do juízo final ou volta de Jesus Cristo. As mensagens dos três anjos de Apocalipse 14 são centrais nessa proclamação Adventista e auto-identificação como remanescente fiel de Deus. Pois de acordo com tal passagem só há dois grupos no tempo do fim, Babilônia que persegue os santos de Deus, e os santos que “guardam os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus” (v.12).

Ao identificarem Babilônia conseqüentemente os Adventistas identificam que são os santos (anti-Babilônia). Para os Adventistas, em continuação a interpretação da Reforma, as passagens bíblicas sugerem que a Babilônia do Apocalipse é o mesmo poder de II Tessalonicenses 2 e Daniel 7 e 8, o Anticristo (LARONDELLE, 2000, p. 885) Como vimos anteriormente há uma distinção clara entre a interpretação Católica e Protestante sobre a identidade de tal poder. Enquanto que os primeiros enxergam o anticristo como um único homem que perseguiria os Cristãos por três anos e meio literais os Reformadores interpretaram o tempo simbolicamente como 1260 anos e o Anticristo como o sistema de ensino papal contrário às Escrituras ou mandamentos de Deus.

Então como o Adventismo caracteriza o Anticristo? Para os Adventistas do Sétimo Dia o Anticristo é um sistema de engano dirigido por Satanás. O sistema doutrinário Católico é um ataque satânico ao sistema de salvação e verdade divina. De acordo com Daniel 7 e 8 esse poder atacaria o santuário de Deus jogando por terra a verdade da salvação. Ao proclamar que os pecados são perdoados pela Igreja por meio dos sacramentos do batismo, penitência e eucaristia na missa, (CATHOLIC, 1994, p. 254-257, 292-293, 356) o catolicismo, na visão adventista, remove o ensino bíblico do santuário que apenas o Cordeiro de Deus (Jesus) remove os pecados pela confissão direta do crente em oração pela fé (I Jo 1:9; 2:1-2; I Tm 2:5). Essa crença substitui Deus no santuário como predito por II Tessalonicenses 2.

Outras crenças apontadas como “o vinho da fúria de sua prostituição” são relacionadas ao batismo infantil, o milênio terrestre de paz antes da volta de Jesus (desescatologia), a doutrina da imortalidade da alma, a autoridade divina papal (infalibilidade), a relação criminosa entre igreja-estado impondo crenças religiosas a nível civil e sendo intolerante e perseguindo minorias, a adoração de santos e principalmente a mudança do quarto mandamento da Lei de Deus do sábado do sétimo dia como santo dia do Senhor para o primeiro dia da semana o domingo.¹⁴

.....

¹⁴ Para detalhes sobre tal interpretação ver bibliografia em rodapé 13.

Essa interpretação do Anticristo como um sistema de engano é importante para entendermos se a escatologia Adventista está errada à luz dos dados do IBGE de 2010.

Mais luz sobre a identidade do Anticristo

Essas marcas identificadoras do Anticristo acima descritas são as mais visíveis. Recentemente, no entanto, o intérprete Adventista Fernando Canale tem sugerido que a identidade do Anticristo deve ser olhada num nível macro donde se originam as práticas (micro) acima explicitadas (ver GLANZ, 2009; GULLEY, 2003, p. 116-126). Para Canale (1987) o engano satânico operado por meio do sistema doutrinário católico tem em seu arcabouço maior o seu ensino sobre o tempo e as ações de Deus na história. Interessante notar que essas são as duas características básicas da profecia, tempo e ação.

Canale sugere que o sistema Católico é baseado na noção grega Platônica da atemporalidade (CANALE, 1987). Para Platão existe uma dicotomia ontológica (existência, real) entre Deus e o mundo, entre Criador e criatura. Por essa razão Deus não pode agir na história de forma temporal linear. Tal ideia influencia as bases de interpretação da realidade e consequentemente da Bíblia e seus ensinamentos (CANALE, 2005a). Visto que a Bíblia é por excelência a manifestação de Deus na história, com tal base hermenêutica o esquema Católico reinterpreta os ensinamentos bíblicos à luz de um conceito pagão (CANALE, 2001).

Essa noção da atemporalidade divina dá origem ao método histórico-crítico de interpretação da Bíblia que é predominante nas Universidades Cristãs no mundo incluindo o Brasil. De acordo com tal método a Bíblia deve ser estudada de maneira “científica” onde não existe a possibilidade de o sobrenatural agir no mundo natural visto que tudo pode ser explicado de forma naturalística, pois Deus não pode agir na história. Canale mostra que ao influenciar a noção de como Deus age no tempo o Catolicismo tem influenciado o Protestantismo com noções anti-bíblicas sobre a natureza do homem (imortalidade da alma), criação (evolucionismo) salvação e liturgia (eucaristia) que são reinterpretadas com uma linguagem bíblica mas num esqueleto pagão (CANALE, 2005b; 2010).

Não é à toa que profecias são ignoradas no dia a dia do Catolicismo e maioria dos Protestantes visto que nesse esquema Deus não age em momentos pontuais da história. Mas ao eclipsar o aparecimento de Deus (Cristo) tal ensino fecha os olhos para identificar o Anticristo. E isso é muito apropriado quando há fortes acusações identificando a instituição da qual se faz parte como sendo o Anticristo. A contribuição de Canale para esse estudo é que o Anticristo não deve ser visto *apenas* como uma instituição, mas como um sistema de ensino da realidade. É partir dessa perspectiva

que comparo essa interpretação do Anticristo Adventista com os dados do IBGE afim de responder à pergunta levantada no início.

Separadas ou unidas? Sugestões para futuros estudos

Até então vimos que aparentemente os dados do último Censo do IBGE, que aponta um decréscimo Católico no Brasil, parece conflitar com a escatologia Adventista que afirma uma influência Católica crescente com o passar do tempo. Mas ao revisar historicamente as raízes de tal interpretação deve-se levar em conta que o Anticristo não é apenas uma instituição eclesiástica *per se* mas um sistema propagador de ensinamentos e práticas antibíblicos ou anti-Cristo. É por isso que desde os últimos meses do movimento Millerita a Babilônia Apocalíptica tem sido relacionada com o catolicismo e o protestantismo apostatado, ou seja, os que se dizem cristãos, mas não seguem os ensinamentos bíblicos.

148 Isso abre a possibilidade para que a interpretação Adventista dos últimos dias continue correta. Pois, mesmo que o número dos que se proclamam católico apostólico romanos no Brasil diminua e os protestantes cresçam ainda continua a questão se tais cristãos podem ser classificados como parte do grupo nomeado como Babilônia conforme a interpretação Adventista. Não é objetivo desse trabalho analisar cada religião brasileira e imputar tal julgamento sobre elas. O objetivo aqui é mostrar que a plausibilidade da interpretação escatológica adventista.

A classificação dos cristãos brasileiros é assim importante para esclarecer a questão levantada nesse trabalho. No documento completo disponível no não é explicado o método usado para classificar as religiões professadas por brasileiros, apenas é dito que o “IBGE e o Instituto de Estudos da Religião - ISER, em parceria, desenvolveram, para o Censo Demográfico 2000, a classificação de religiões”¹⁵. Na discussão aqui levanta é importante saber que tipo de metodologia foi usada para classificar os “grandes grupos de religião” como descritos no Anexo 1 do mesmo documento.

Nesse anexo é encontrado dois grandes grupos cristãos: católicos e evangélicos¹⁶. A divisão é parecida com a tradicional divisão entre protestantes e católicos que normalmente é usado na interpretação das profecias apocalípticas. Mas essas divisões não são as mesmas, pois na composição do IBGE várias denominações não católicas (protestantes) não fazem parte do universo evangélico. Uma sugestão para próximos estudos é precisar a razão para tal classificação dos grupos religiosos Cristãos no Brasil.

.....
¹⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2180uUX>>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

¹⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2180uUX>>. Acesso em: 03 de abril de 2016.



Uma das perguntas a serem analisadas em tal estudo é quais as crenças Cristãs que unem ou separam tais denominações. Isso é um dado relevante para a questão aqui levantada relacionada à profecia, visto que a Reforma e o adventismo interpretam o anticristo bíblico como sendo um sistema de crenças estranho às Escrituras e que une tanto católicos como protestantes ou, nesse caso, evangélicos. Por isso é importante saber quais as crenças de tais denominações cristãs.

Finaliza-se com um exemplo tomado de um estudo de caso já feito acerca da liturgia adventista e evangélica neopentecostal para mostrar como a influência do anticristo pode ser detectada no cristianismo brasileiro. Em estudo anterior sobre o CD jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia, buscou-se mostrar como a crença futura na volta de Jesus (Reino de Cristo), como única solução para o caos atual no mundo (reino do Anticristo), tem sido reinterpretada existencialmente no cristianismo brasileiro via cultura de massa (GALIZA, 2009).

Essa reinterpretação da transcendente manifestação de Cristo no fim dos tempos para o presente, tem ganhado grande adesão no cristianismo brasileiro principalmente entre os neopentecostais. Como De Oliveira e Pires deixam claro, tal desescatologização da mensagem bíblica é manifestado num culto marcado pelos sentimentos, pela emoção pelo uso da cultura de massa principalmente com o forte apelo a emoção por meio da música e da imagem (OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 85, 91, 98) Assim, a mensagem predominante de tais cultos é o encontro de cura entre o divino e o adorador agora.

A semelhança de Agostinho e sua interpretação profética do reino milenar terreno, a escatologia prometida na profecia como solução para os problemas do pecado é proclamada como ocorrendo hoje no culto e não no futuro, por isso o termo desescatologia (OLIVEIRA; PIRES, 2005, p. 107-109) Note que os autores associam a interpretação profética de Agostinho (desescatologização) acerca do Anticristo e Cristo com uma prática litúrgica estranha aos ensinamentos bíblicos. O que eles não fazem é associar neopentecostais com católicos nessa crença comum.

Mas como mencionado acima, essa relação entre liturgia e escatologia também já é ressaltada pelos reformadores e adventistas do sétimo dia. Essa relação de culto e profecia é principalmente apontada por Protestantes ocorrendo na eucaristia (sistema de salvação Católico) e adoração de imagens. Nesse contexto a relação entre Evangélicos e Católicos brasileiros é claramente demonstrada por Klein (2006) que mostra como o protestantismo brasileiro venera imagens na pessoa de pregadores *pop* que oferecem salvação em suas igrejas ou via televisão.

Se tais estudos (KLEIN, 2006; OLIVEIRA; PIRES, 2005) estiverem correto a influência do sistema Católico já pode ser detectada em fortes movimentos cristãos no Brasil que se caracterizam por uma desescatologização agostiniana como base de sua liturgia. Em meu trabalho conclui que tal desescatologização possui uma “teologia

marcadamente existencial [...] e seu determinante religioso e do ser é a emoção em detrimento da razão [revelação] bíblico-divina” (GALIZA, 2009). Podemos, então, inferir que há uma forte semelhança no sistema de crença católico e neopentecostal o que possibilita o cumprimento profético como interpretado pelos adventistas do sétimo dia.

Considerações finais

O Censo do IBGE de 2010 ao constatar um decréscimo no número de católicos no Brasil entrou, aparentemente, em choque com a interpretação profética Adventista que espera um crescimento de influência dessa igreja com o passar do tempo visto ser ela o representante do Anticristo escatológico. Ao revisar as raízes interpretativas do movimento Adventista detectamos duas correntes de interpretação do Anticristo relevantes para responder se a interpretação Adventista é possível à luz do último Censo.

Enquanto que os protestantes (e seus predecessores e sucessores) enxergam a Igreja Católica histórica como o anticristo da profecia, os católicos apontam para o longínquo passado ou futuro relacionando o anticristo ora com os judeus, ora com um inimigo futuro do cristianismo. Relacionado ao reino do anticristo está o Reino de Cristo como predito pelas profecias de Daniel, II Tessalonicenses 2 a Apocalipse. Tais textos cristãos são as principais fontes que caracterizam esses poderes antagonicos na história. Esse trabalho mostrou que ambos são inter-relacionados profeticamente e não podem ser separados na interpretação profética.

Agostinho, o principal expoente Católico, identificou o Reino de Cristo com a igreja cristã no presente (desescatologização). Com isso os tempos e ações do anticristo foram colocados para um longínquo futuro. Mas ao identificarem corrupção e ensinoss não-bíblicos no sistema católico vários Cristãos interpretaram o anticristo como sendo o sistema Católico de cristianismo. Essa visão influenciou a Reforma, o protestantismo norte-americano, o milerismo e o movimento adventista.

Em comum a essa interpretação profética, oposta à dos católicos está a crença que o anticristo viria de dentro do cristianismo deturpando a verdade e o sistema de culto divino. De acordo com Canale tal deturpação foi tamanha que os enganos propagados pelo catolicismo acerca do tempo e ações divinas (componentes centrais da profecia) alteraram o conceito de realidade no cristianismo vigente. E consequentemente o sistema de salvação e culto propagados pela maioria dos cristãos são anti-bíblicos.

Essa noção de sistema de ensino anti-bíblico como característica do anticristo é fundamental para responder a aparente contradição entre os dados do Censo e a escatologia adventista. Lembremos que o Censo do IBGE é um estudo sociológico e por isso pode apontar tendências futuras. No entanto, a profecia é pormenorizada e



explica não só detalhes, mas principalmente macro movimentos religiosos no nível do sistema de crenças. Assim ao investigar a nomenclatura de classificação religiosa no Censo percebe-se que ela é superficial quanto aos sistemas de crenças apontados pela profecia. Por isso, tal pesquisa não pode ser usada definitivamente como oposta à projeção bíblica.

Isso porque central na discussão está a caracterização do anticristo como sistema antibíblico. Ou seja, é necessária uma avaliação mais aprofundada das denominações Cristãs brasileiras para saber se elas podem ou não ser enquadradas na profecia do Anticristo. Para indicar que a interpretação adventista está correta, mencionei como exemplo a tendência da desescatologização na liturgia das igrejas neopentecostais no Brasil. A justificação de tal comparação é que nas profecias do anticristo o culto é um elemento central.

Usando dados de Klein (2006), Oliveira e Pires (2005) sobre liturgia protestante e de minha pesquisa sobre liturgia Adventista pude inferir que há uma relação de crença e prática entre Católicos e Protestantes. Considerando então a visão de Canale que mostra como interpretação bíblica afeta praxis eclesiológica concluo que o catolicismo como sistema tem crescido em influência. Essa mesma comparação pode/ deve ser feita concernente as crenças de tais denominações sobre evolução/criação, dias santificados ou de guarda (sábado ou domingo), ou métodos de interpretação bíblica (histórico-gramatical/histórico-crítico).

Minha hipótese é que a influência Católica é ainda preponderante na fábrica sociorreligiosa brasileira. E se assim for, isso não exclui, mas antes confirma a interpretação profética adventista.

151

Referências

ARASOLA, K. **The end of historicism**: Millerite hermeneutic of time prophecies in the Old Testament. Uppsala: K. Arasola, 1990.

BOWEN, E. W. Vergil's pre-eminence among the Christian fathers and in the medieval church. **The methodist review**, v. 43, n. 3, julho-agosto de 1896.

BREKUS, C. A. Catholics in America — the text of freedom of religion. **Christian History**, v. 102, p. 12-15, 2012.

BRUCE, F. F. 1 & 2 Thessalonians. In: HUBBARD, D. A.; BARKER, G. W. (Eds.). **Word biblical commentary**. Waco: Word Books, 1982. v. 45.

BRUINSMA, R. **Seventh-day Adventist attitudes toward Roman Catholicism 1844-1965**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1994.

CANALE, F. L. **The cognitive principle of Christian theology**: a hermeneutical study of the Revelation and inspiration of the Bible. Berrien Springs: Andrews University Lithotec, 2005a.

CANALE, F. L. **A criticism of theological reason**: time and timelessness as primordial presuppositions. Berrien Springs: Andrews University Press, 1987.

CANALE, F. L. **Back to revelation-inspiration**: searching for the cognitive foundation of Christian theology in a postmodern world. Lanham: University Press of America, 2001.

CANALE, F. L. **Creation, evolution, and theology**: the role of method in theological accommodation. Berrien Springs: Andrews University Lithotec, 2005b.

CANALE, F. L. The eclipse of Scripture and the Protestantization of the Adventist mind - part I. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 21, n. 2, p. 133-165, 2010.

CATHOLIC church. **Catechism of the Catholic Church**. Vatican City. Mahwah: Libreria Editrice Vaticana, 1994.

COLLETTE, C. H. The novelties of Romanism. In: **London**: The religious tract society, 1864.

CURTIS, C. **The mystery of iniquity unveiled** — or popery unfolded and refuted, and its destination shown in the light of prophetic Scriptures in seven discourse. Boston: Crocker & Brewster, 1866.

DOWLING, J. **The history of Romanism**: from the earliest corruption of Christianity to the present time. New York: Hay & Thatcher, 1853.

EVANS, G. R. **A brief history of heresy**. Malden: Blackwell Publishing, 2002.

FROOM, L. E. **The prophetic faith of our fathers**. Hagerstown: Review and Herald, 1982. v. 3.

FROOM, L. E. **The prophetic faith of our fathers**. Hagerstown: Review and Herald, 1982. v. 2.



FROOM, L. E. **The prophetic faith of our fathers**. Hagerstown: Review and Herald, 1982. v. 4.

FROOM, L. E. **The prophetic faith of our fathers**. Hagerstown: Review and Herald, 1982. v. 1.

GALIZA, R. B. **CD-Jovem: cultura de massa na Igreja Adventista do Sétimo Dia? Kerygma**, v. 5, n. 1, p. 1-4, 2009.

GANE, R. Leviticus. In: WALTON, J. (Ed.). **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 2009. v. 1.

GLANZ, O. Investigating the presuppositional realm of Biblical-theological methodology, Part II: Canale on reason. **Andrews University Seminary Studies**, v. 47, n. 2, p. 217-240, 2009.

GRUNDMANN, J. W.; HESSE, F.; DE JONGE, M. criw, cristoV, anticristoV, crisma, cristiano V. In: GERHARD, F.; GERHARD, K.; BROMILEY, G. W.; WILLIAM, G. (Eds.). **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1974. v. 9.

GULLEY, N. R. **Systematic theology**. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003.

HILLERBRAND, H. J. Antichrist. In: HILLERBRAND, H. J. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of the Reformation**. New York: Oxford University Press, 1996. v. 1.

HISLOP, A. **The two Babylons or the papal worship proved to be the worship of Nimrod and his wife**. London: S.W. Partridge & CO, 1903.

HOLLAND, G. S. The tradition that you received from us: 2 Thessalonians in the pauline tradition. In: BETZ, H. D.; EBELING, G.; MEZGER, M. **Word biblical commentary**. Tübingen: Mohr, 1988. v. 24.

HORN, S. H.; WOOD, L. H. **The chronology of Ezra 7**. Brushton: TEACH Services, 2006.

HUGHES, P. **The church in crisis: a history of the twenty great councils**. London: Burns & Oates, 1960.

HUNT, D. **A woman rides the beast**. Eugene: Harvest House Publishers, 1994.

HUSS, J.; SPINKA, M. **The letters of John Hus**. Totowa: Manchester University Press; Rowman and Littlefield, 1972.

JENKS, G. C. **The Origins and Early Development of the Antichrist Myth**. Berlin: Walter de Gruyter, 1991.

JONES, A. T. **The two republics or Rome and the United States of America**. Battle Creek: Review and Herald Publishing CO, 1891.

KITTEL, G. Escato V. In: KITTEL, G. (Ed.), **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1964. v. 2.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia: interferências midiáticas no cenário religioso**. São Paulo: Editora Sulina, 2006.

KNIGHT, G. R. **Millennial fever and the end of the world: a study of millerite adventism**. Boise: Pacific Press, 1993.

154 LARONDELLE, H. K. The Remnant and the Three Angel's Message. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Handbook of Seventh-day Adventist theology**. Hagerstown: Review & Herald Pub. Association, 2000.

LEWIS, A. H. **Paganism surviving in Christianity**. New York: G. P. Putnam's sons, 1892.

LUTHER, M. **The Babylonian captivity of the church Three treatises**. Philadelphia: Fortress Press, 1960.

MAXWELL, M. C. **An exegetical and historical examination of the beginning and ending of the 1260 days of prophecy with special attention given to A.D. 538 and 1798 as initial and terminal dates**. Takoma Park: Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1951.

NOLL, M. A. **A History of Christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids: Eerdmans Publishers and CO, 1992.

OLIVEIRA, C. I.; PIRES, A. C. A cura integral (psicofísica) no neopentecostalismo brasileiro: uma acomodação ao discurso sobre saúde e doença na sociedade pós-moderna de consumo. **Estudos de Religião - Revista Semestral de Estudos e Pesquisa em Religião da UMESP**, n. 29, p. 78-112, 2005.



OLIVEIRA, J. R. **Chronological studies related to Daniel 8:14 and 9:24-27.** Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2004.

PAULIEN, J. **The deep things of God.** Hagerstown: Review and Herald, 2004.

SHEA, W. H. **Selected studies on prophetic interpretation.** Silver Springs: Biblical Research Institute, 1992.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas** - fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 1999.

TIMM, A. R. A short historical background to A.D. 508 & 538 as related to the establishment of papal supremacy. In: PREEZ, R. D. (Ed.). **Prophetic Principles:** crucial exegetical, theological, historical & practical insights. Berrien Springs: Lithotech Andrews University, 2007.

WHITE, E. G. **The Great Controversy between Christ and Satan.** Boise: Pacific Press, 1950.

WYLIE, J. A. **The history of Protestantism.** New York: Cassell & Company, 1899.